GAZETA MERCANTIL

MEMO

SEXTA-FEIRA, 4, E FIM DE SEMANA, 5 E 6 DE OUTUBRO DE 1996

O sociólogo que está alterando a rotina de pesquisa do IBGE

por Vera Saavedra Durão (do Rio)

PERSONALIDADE DA SEMANA
Simon Schwartzman, presidente do IBGE

Há dois anos e meio na chefia do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) o mineiro Simon Schwartzman, 57 anos, casado. quatro filhos, trabalha a todo o vapor. Ao mesmo tempo em que preside a atualização da "Pesquisa de Orçamento Familiar (POF)", em todo o País, prepara a divulgação, em novembro, de outro trabalho de peso, o "Cadastro dos Estabelecimentos" brasileiros. E. para o ano que vem, prepara a realização de uma pesquisa sobre o padrão de vida da população, financiada pelo Banco Mundial. "Este levantamento nos dará uma idéia da situação real da pobreza no País, pois vai levantar até o peso dos entrevistados", adianta.

O "Cadastro dos Estabelecimentos" deve fornecer o primeiro quadro geral atualizado da economia brasileira nos últimos onze anos. O mais recente retrato do setor, levantado pelo IBGE. foi divulgado em 1985. O trabalho relaciona as 400 mil empresas mais importantes do País nos setores industrial, de comércio e de serviços, classificadas por atividade, número de empregados e faturamento.

Será um mapeamento das unidades produtivas com mais de 20 empregados e que povoam o universo da economia formal.

Mudanças

Com base no novo "Cadastro dos Estabelecimentos", o IBGE pretende reestruturar suas pesquisas econômicas ao longo do próximo ano, deixando de realizar, a cada dez anos, o "Censo Econômico". Esta opção de Schwartzman foi alvo de críticas na área acadêmica. A seu favor, ele argumenta que a substituição dos censos decenais e quinquenais por pesquisas contínuas, com uma base de referência sendo atualizada anualmente por novas coletas de informações, é uma tendência internacional no mundo das estatísticas.

"A tendência internacional é não mais fazer as grandes operações censitárias, mas ter um trabalho contínuo de levantamento de dados em tempo real sobre o que acontece com a economia e com a sociedade. Em relação ao censo demográfico, por exemplo, há a proposta de se pesquisar 10% da população a cada ano, ao invés de fazer um censo de 10 em 10 anos", antecipa.

Cedido pela Fundação Getúlio Vargas (FGV) ao IBGE no governo Itamar Franco. este sociólogo e cientista político foi confirmado no cargo pela atual administração. Seus planos atuais incluem o resgate da imagem do IBGE, o maior banco de dados do País, e sua transformação em um órgão de coordenação das pesquisas nacionais, inserido num projeto mais amplo de criação de um Sistema Estatístico Nacional.

Segundo ele. esta nova formatação institucional poria fim às divergências metodológicas atualmente existentes nos cálculos de indicadores econômicos, tais como o do Produto Interno Bruto (PIB), e sociais, como a taxa de desemprego. Atualmente, a FGV e o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (lpea) discutem a metodologia mais correta para as contas nacionais, enquanto a Fundação Seade, do governo paulista. o Dieese e o IBGE confrontam suas estatísticas de emprego.

Na opinião de Schwartzman essas divergências se multiplicam em função do grande número de instituições de pesquisas estaduais surgidas no País. "Falta uma coordenação adequada a esse trabalho. O IBGE poderia exercer essa função, que não seria de imposição. de mando, mas de coordenação, de trazer as pessoas. de juntar, de fazer estudos, de compatibilizar trabalhos", argumenta seu presidente.

Sob a gestão de Schwartzman o IBGE tem trabalhado nesta direção. "Temos tido reuniões com outras instituições sobre o assunto e. apesar das divergências com a Seade na área de estatísticas do trabalho, por exemplo, na das estatísticas econômicas temos tido uma comunicação muito intensa. A Seade até cooperou conosco na elaboração da nossa pesquisa cadastral", revelou.

Na "Pesquisa de Orçamento Familiar (POF)" que o IBGE está atualizando - a POF levanta os hábitos de consumo das famílias, para se poder atualizar a coleta de preços dos índices de inflação - há mais de dez institutos cooperando. conta seu titular. "Temos feito isto, mas não é

uma coisa institucionalizada, não temos uma Comissão Nacional de Estatística como em outros países", lamenta.

Prestígio renovado

Com uma vasta experiência em trabalhos de pesquisa social quantitativa, este sociólogo graduado pela Faculdade de Ciências Econômicas e Sociais da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), com doutorado em Ciências Políticas pela Universidade da Califórnia (EUA). tem tido sucesso em sua meta de devolver ao IBGE um pouco do prestígio de 20 anos atrás. A instituição, um verdadeiro centro de excelência, foi bastante castigada no governo Collor, quando viveu na penúria e teve que adiar sua pesquisa mais importante: o Censo Demográfico.

Sob o comando de Schwartzman e ajudado pela estabilização da moeda no pós-Real. o IBGE perdeu a imagem de mero produtor de índices de inflação e suas estatísticas sociais e econômicas estão voltando a ser destaque na mídia, como a divulgação dos resultados da "Pesquisa Nacional por Amostra de Domicilio (PNAD)" de 1995, divulgada recentemente. A PNAD constatou uma melhora nas condições de vida dos brasileiros no Plano Real.

Sua visão de "tempo real estatístico" levou o presidente do IBGE a trabalhar intensamente para tirar o atraso das pesquisas da casa. Atualmente. estão em campo as coletas do censos populacional e agrícola Este último, atrasado dez anos. A POF 95/96, em fase final de análise de dados, vai vigorar em 1997, quando os indicadores de inflação terão por base de cálculo a nova lista dos produtos consumidos pelos brasileiros.

Outra novidade é o trabalho de revisão da contas nacionais, que deverá permitir calcular o Produto Interno Bruto (PIB) com informações mais detalhadas. O IBGE está adotando uma nova metodologia recomendada pela Organização das Nações Unidas (ONU) que vai permitir aos técnicos das contas nacionais trabalhar não só com agregados. mas com dados mais abertos dos setores de atividade econômica.

Salários baixos

Apesar de tantos projetos, Schwartzman diz-se pessimista quanto ao futuro da instituição, cujo maior problema é a falta de pessoal e os baixos salários. "A continuar a situação atual de seu quadro de pessoal, o IBGE acaba em cinco anos", afirma. Sua maior preocupação é com a perda progressiva dos funcionários mais qualificados e a falta de condições para recuperá-los. A situação salarial do seu pessoal é considerada, por ele, insustentável.

O orçamento do IBGE. para este ano, é de R$ 300 milhões. Uma verba de R$ 200 milhões foi destinada à execução dos censos populacional e agrícola e "está sendo paga religiosamente". Entretanto, isto não resolve as dificuldades institucionais do IBGE. A solução, a seu ver, poderia ser a volta do instituto à condição de fundação autônoma, como foi nos anos 70, ou sua transformação em órgão coordenador das pesquisas nacionais. Neste caso, poderia ser

transformado em uma instituição mais leve do ponto de vista burocrático, com gente nova e a abertura de novas frentes de trabalho.